

FRITZ-DO-MEU-CORAÇÃO: O TRIUNFO DO FEMININO NA CRÍTICA DE ELISABETH NIETZSCHE À ESTRATÉGIA AUTOPROMOCIONAL DE SEU IRMÃO

*Tristan Torriani **

RESUMO

Neste artigo apresento traduções inéditas em português de várias cartas de e a Friedrich Nietzsche durante década de 1880, visando esclarecer alguns aspectos da relação entre o filósofo e sua irmã Elisabeth. Embora o episódio envolvendo Lou von Salomé, Paul Rée e Nietzsche em 1882 tenha deixado marcas profundas, o estudo da correspondência deixa bastante claro que o problema do anti-semitismo de sua irmã era de longe o tema que mais o incomodava.

PALAVRAS-CHAVE: Friedrich Nietzsche. Filosofia e as mulheres. Elisabeth Nietzsche. Feminino. Correspondência. Anti-semitismo.

ABSTRACT

This paper tries to shed light on the relationship between Friedrich Nietzsche and his sister Elisabeth by exploring his correspondence in the late 1880s. Several of the letters quoted here have been translated to Portuguese for the first time. I argue that although it is undeniable that the affair with Lou von Salomé and Paul Rée in 1882 hurt Nietzsche very deeply, his correspondence clearly shows that his sister's anti-semitism was a much greater source of concern than her interference in the affair.

KEY-WORDS: Friedrich Nietzsche. Women and Philosophy. Elisabeth Nietzsche. Gender issues. Correspondence. Anti-semitism.

* Doutor em FILOSOFIA pela *Unicamp*.

NIETZSCHE E AS MULHERES

A questão da filosofia e as mulheres no pensamento de Friedrich Nietzsche requer um tratamento muito cauteloso devido à confluência entre aspectos psicológicos e filosóficos, e ao procedimento consistentemente empregado por ele de lançar uns contra os outros para que se iluminassem mutuamente. Essa oscilação entre o registro filosófico e o psicológico, à qual não raramente se adiciona o registro filológico, cria uma superfície textual muito difícil de se abordar se nossa intenção for a de sistematizar e de simplificar o que está ali escrito em forma, digamos, de teses a serem verificadas ou refutadas. Sabemos, ademais, que tal leitura não seria aquela que o próprio autor consideraria a mais inteligente: ler um texto dele para extrair teses a serem examinadas em uma espécie de *disputatio* escolástica apenas revelaria a nossa falta de bom senso.

No entanto, apesar dessa sistematização constituir um projeto em si temerário, resta o problema de como obter uma compreensão que pelo menos tente equilibrar um pouco as colocações feitas por Nietzsche sobre o feminino que, como seria de se esperar, cobrem todo o espectro da veneração desmedida até o impopular chicote. Na impossibilidade de prover uma visão sistematizada, pelo menos um uso inteligente do contraponto entre esses extremos possa nos indicar o que teria sido sua perspectiva, se é que ela em algum momento foi tão estável ou estruturada. Este trabalho não pretende dar conta da problemática do feminino em Nietzsche, mas apenas ajudar a contextualizar a questão por meio da tradução de uma parte da correspondência nietzscheana.

Voltando à questão dos registros, encontramos, no plano filosófico, questões como a do eterno-feminino que, segundo Goethe em seu *Fausto*, estimularia os homens a ir

sempre em frente; a da emancipação, em que o ceticismo de Nietzsche beira o conservadorismo e é talvez uma das pouquíssimas questões nas quais ele chega a concordar com sua irmã Elisabeth (1846-1935); a dos papéis sociais femininos, de mãe a prostituta, de rainha a profetisa; e a das grandes figuras femininas mitológicas, históricas e literárias. No registro psicológico temos todo um outro conjunto de problemas relacionados aos vínculos com a mãe Franziska (1826-1897) e a irmã Elisabeth, além das diversas amizades com Malwida von Meysenbug (1816-1903) e Meta von Salis (1855-1929) entre outras, e das ligações aparentemente mais profundas com Lou Andréas-Salomé (1861-1938) e Cosima Wagner (1837-1930). Cumpre enfatizar que essas mulheres eram, pelo menos em alguns aspectos, notáveis ou mesmo excepcionais. Mesmo por vezes à sua revelia, Friedrich encontrou-se envolto desde a mais tenra infância nesse meio feminino, que poderia tornar-se bastante opressivo e sufocante. Neste trabalho focalizarei esse segundo registro, o psicológico, e não pretendo tentar estabelecer conexões com o plano filosófico, pois isso exigiria um tratamento além dos limites de um artigo.

Um aspecto fundamental na vida de Nietzsche é que, ao contrário de outros indivíduos de gênio, os seus dotes foram sempre reconhecidos, desde a juventude na escola Schulpforta. Na perspectiva da mãe e da irmã, a chegada do reconhecimento público generalizado de Friedrich era, portanto, uma mera questão de tempo e de oportunidade. O sucesso dele como jovem professor de filologia recomendado pelo seu professor F. W. Ritschl, como membro do círculo wagneriano, e todo o restante, apenas confirmava algo previsto e esperado. Até então, mãe e irmã podiam atribuir-se a tarefa de dar suporte a Friedrich, mas seu adoecimento

progressivo autorizou-as a intervir em sua vida de modo cada vez mais decisivo, acionando nelas todos os recursos disponíveis de influência feminina. Após 1889, com a loucura de Nietzsche, mãe e filha irão disputar sua tutela. Franziska, lendo *O Anticristo* do filho, queria queimar o livro, sendo apenas impedida pela oposição de Elisabeth. Para a mãe, crente e pietista, o Anti-Cristianismo do filho era indistinguível de sua loucura. A irmã, por outro lado, embora discordasse profundamente do filo-semitismo do irmão, venerava sua genialidade, tanto que, mesmo em suas montagens posteriores dos textos nietzscheanos, não ousava realmente falsificar os aforismos, mesmo que lhe desagradassem, limitando-se a inventar títulos para eles. Elisabeth seria a primeira biógrafa do irmão, publicando *A vida de Friedrich Nietzsche* em três volumes e fundando o *Arquivo Nietzsche*. Franziska havia trazido Friedrich ao mundo. Cabia agora à irmã promover sua memória e pensamento. Assim, o além-do-homem sucumbiria ao eterno feminino.

É desse modo que podemos melhor equacionar a questão das mulheres e a filosofia em Nietzsche: por que se preocupar com a filosofia, se foi o feminino que gerou e pariu todo filósofo que já pôs os pés na terra? Ou seja, o que seria da filosofia sem o feminino? A “inviabilidade” de Friedrich longe do regaço materno permanece sempre um pressuposto maternalista que eventualmente se concretiza. Não há chicote que possa reverter o processo ou manter os tentáculos femininos à distância, garantindo assim a liberdade mental. No fim, ele se vê englobado, envolto e submerso no feminino familiar, enquanto uma doença venérea, transmitida a ele por alguma desconhecida, corroia-lhe o cérebro por dentro.

O CASO LOU

1882 foi o ano “Lou von Salomé”, que deixaria profundas marcas em Nietzsche devido ao triângulo amoroso altamente constrangedor composto também por Paul Rée. Pode-se abordar o caso como uma simples relação malograda, mas há dois aspectos que precisariam ser ressaltados. O primeiro é que Nietzsche já estava em um avançado estágio de desenvolvimento intelectual, podendo arrogar-se a responsabilidade para com uma missão filosófica, na qual Salomé e Rée seriam discípulos. Se ele fosse realmente ter uma relação com Lou, ele teria que reconfigurar sua vida altamente disciplinada (como ela iria observar mais tarde, Friedrich criticava os ascetas mas vivia como um) em função dela, o que seria bastante improvável. Ora, era claro que, se ele mudasse sua vida, isso poria em risco sua missão, o que, por sua vez, comprometeria o interesse que os discípulos poderiam ter por ele enquanto líder. A própria Lou deve ter percebido isso. Mas o segundo aspecto é que o caso Lou radicalizou o conflito de Friedrich com o feminino, introduzindo um elemento de competição entre ela de um lado e Elisabeth e Franziska de outro.

Carol Diethe (2003, p. 3) enfatiza o caráter supostamente incestuoso da relação entre Friedrich e Elisabeth. Segundo ela, Elisabeth teria buscado no irmão uma figura paterna e um esposo substituto. É verdade que, em 1875, Elisabeth moraria com o irmão em Basileia, encarregando-se dos assuntos domésticos como se fosse sua mulher. Ela se casaria com Bernhard Foerster só dez anos mais tarde, aos 39 anos. Mas antes disso, em 1882, durante o caso Lou, ela se encontrava ainda solteira e, zelosa pela imagem do irmão, muito se irritou quando a jovem russa passou a mostrar aos amigos a célebre foto dela chicoteando Nietzsche e Rée.

A subsequente intervenção de Elisabeth e Franziska só pioraria a situação. Renate Mueller-Buck (OTTMANN, 2000, p. 177) cita, nesse contexto, dois rascunhos de carta (um de Setembro de 1882 e outro de 25/26 de Agosto de 1883) em que Nietzsche expressa sua revolta contra a irmã, acusando-a de ter alma pequena, de ser moralista, de ter posto a vida dele em risco três vezes e de destruir sua mais alta atividade. Nesse último rascunho, chega a dizer que nunca odiou alguém tanto como ela. Entretanto, essas cartas nunca foram enviadas.

Elisabeth era dois anos mais jovem que o irmão e, ao contrário deste, tinha uma saúde excelente e mesmo na velhice continuou mentalmente ativa. Como nota Diethé, ela não teve acesso à educação de elite que Friedrich recebeu, mas conseguiu com empenho notável tornar-se biógrafa do irmão. Sabe-se lá o que teria conseguido se tivesse estudado em Schulpforta. Consciente dessa desvantagem, Elisabeth sentia-se desafiada pelas amigas intelectuais de seu irmão, como Ida, esposa de seu amigo Franz Overbeck, ou pela própria Lou.

Em sua biografia de Elisabeth, Diethé traduz em um apêndice uma história escrita por ela, *Kaffee-klatsch über Nora*¹, na qual uma moça estudiosa e séria salva um professor desavisado de uma relação desastrosa com uma charlatã de atrativos físicos duvidosos. Segundo Diethé, esse conto chega a ser uma fantasia incestuosa, pois é claro o paralelo entre os personagens, e o conflito entre, respectivamente, Elisabeth, Friedrich, e Lou.

Seja como for, apesar do episódio Lou ter tirado Nietzsche do sério, será que foi realmente o motivo que mais comprometeu sua relação com a sua irmã? Como veremos a

¹ *Fofocas sobre Nora na hora do cafezinho.*

seguir, creio que para ele era mais fácil superar o constrangimento desse episódio e investir sua energia no trabalho do que lidar com o desastre de relações públicas causado pela associação de sua irmã a Bernhard Foerster e ao movimento anti-semita.

A SUPOSTA CRÍTICA DE ELISABETH

Em uma carta de Natal a Franz Overbeck, Friedrich relata ter sido profundamente incomodado pela sua irmã, sete anos atrás, por uma crítica à sua estratégia para obter sucesso, o qual, segundo a família e todos seus amigos, era-lhe justamente devido e uma mera questão de tempo.

De F. Nietzsche a Franz Overbeck em Basileia

Turim, Natal de 1888

Caro amigo,

Devemos despachar logo o assunto com Fritzscht², pois em dois meses serei eu o primeiro³ nome na Terra. [...]

Arrisco ainda relatar que a situação no Paraguai é a pior possível. Os alemães que foram atraídos para lá estão indignados e exigem o dinheiro deles de volta – ninguém tem nada. Já ocorreram violências; temo pelo pior. – Isso *não* impede minha irmã de me escrever no 15 de outubro com o maior tom de chacota, que eu estaria querendo começar a me tornar “célebre”. Isso seria, é claro, uma boa coisa! E *que* tipo de gentalha eu teria ido buscar: judeus, que teriam provado de todas as panelas como Georg Brandes [...] De quebra me chama “Fritz-do-meu-coração”⁴ [...] *Isto* dura agora sete anos! [...]

² Tratava-se de comprar de volta os direitos às obras de Nietzsche, pelo qual o editor E. W. Fritzscht pedia 11 mil marcos.

³ Isto é, o mais famoso.

Minha mãe não tem até agora a menor idéia disso
– essa é a *minha* jogada de mestre. Ela me enviou um jogo
para o Natal: *Fritz* e *Lieschen*⁵ [...] (NIETZSCHE, 1975 ff
– NBIII5BvN⁶ 1887-1889, p. 549).

Esta queixa reaparece em uma carta antes do Ano Novo a
Meta von Salis (1855-1929).

De F. Nietzsche a Meta Von Salis auf Marschlins

Turim, 29 de Dezembro de 1888

Prezada Senhorita,

[...] Entrementes começo a me tornar famoso de
um modo totalmente inaudito. Acredito que nunca um
mortal recebeu tais cartas, como as que recebo e apenas
de inteligências *seletas*, de figuras comprovadas em altos
deveres e cargos. [...]

– Para que não falte *contraste!* Minha irmã me
escreveu por ocasião de meu aniversário com máximo
escárnio declarando que eu estaria querendo também
começar a me tornar “célebre” [...] Que essa seria uma
bela gentalha, que irá acreditar *em mim* [...] Isto já dura *sete*
anos [...] – (NBIII5BvN 1887-1889, p. 560-561).

Uma busca pelo que teria sido o início dessa crítica
de Elisabeth sete anos antes, ou seja, em 1881, pelo menos
no que diz respeito à correspondência disponível na edição
Colli-Montinari, não é possível, pois para esse ano não sobrou
uma carta sequer dela ao irmão. Tampouco sabemos ao certo
se essa suposta zombaria teria começado por carta ou em
conversa pessoal. Entretanto, temos a carta escrita por

⁴ Em alemão, *Herzensfritz*.

⁵ Diminutivo de Elisabeth.

⁶ *Nietzsche Briefwechsel*, vol. III5 *Briefe von Nietzsche*.

Elisabeth em 6 de Setembro de 1888 no Paraguai em antecipação do aniversário de seu irmão. Vejamos então o que ela escreveu, na íntegra.

De Elisabeth Foerster a Friedrich Nietzsche em Sils-Maria

Nueva Germânia, 6 de Setembro de 1888

Querido Fritz-do-meu-coração,

Certamente perdeu-se uma carta tua ou minha, pois abriu-se uma lacuna enorme em nossa correspondência. Acredito ter-te escrito na última vez em Junho, mas agora não me lembro mais precisamente. Seja como for, parece-me já uma eternidade e em todo caso faz mais tempo ainda que tu não nos relatas nada de ti. Por mamãezinha ouço agora bastante sobre tua fama crescente e, embora isso muito me alegre, desde então tive que renunciar à esperança de que virias para cá, pois a fama é uma doce poção! Logicamente deverá a boa Mama permanecer lá no norte, embora eu deva também supor que ela poderia viver aqui em modo mais confortável e despreocupado. Mas os conceitos de vida confortável são tão diferentes! Para mim, por exemplo, isso de alugar quartos para jovens senhores seria um tal incômodo que eu faria algo para evitá-lo; mas o gosto é diverso e parece-me que essa companhia dos jovens senhores daria à boa Mama alguma satisfação.

Na próxima semana virá até nós um caro amigo dinamarquês, então espero que ele traga alguns jornais dinamarqueses e traduza para mim o que ali se diz sobre ti. Pessoalmente eu teria desejado um apóstolo diferente que o Senhor Brandes. Ele tem olhado em muitas panelas e comido de muitos pratos, contudo, não podemos escolher nossos admiradores e uma coisa é certa: ele te trará à moda, pois disso ele entende. Não posso deixar de te dar um conselho bem intencionado: não encontres com ele

pessoalmente, trocái vossas impressões agradáveis mas não deixes que ele te veja de perto. Dois de nossos amigos, o Senhor Johanssen e o Senhor Haug o conhecem pessoalmente e não têm por ele muito entusiasmo, embora todos concordem que ele tem um faro excelente para os fenômenos mais interessantes de todos os tempos e que, por meio deles, se faz interessante.

Ao meu coração faz infinitamente bem que agora não seja mais possível um silêncio sepulcral sobre ti e que agora talvez por meio de Brandes os admiradores puros e bons, que estão à tua altura, ouvirão sobre ti.

Meu caro Fritz-do-meu-coração, a época de seu querido aniversário se aproxima de novo. Penso sobre quantos anos nós vivemos juntos e agora infelizmente vagamos pela vida longe um do outro. Quanta felicidade e dor já passamos: valerá a pena viver? Para pessoas tão sensíveis como nós a vida traz mais dor que felicidade e as coisas precisam estar indo muito bem para que possamos esquecer completamente a dor. Mas muito não se pode vencer, por exemplo, um desejo caloroso mas indescritível de te ver de novo. Que nos seja concedido, contudo, revermo-nos em um tempo não muito distante. Não posso mais desejar que venhas até nós, pois as condições climáticas parecem bastante desfavoráveis este ano. Houve tanta variação e baixa pressão como em nenhum ano passado. É claro que no mundo todo o clima não parece ir bem. Mamãezinha escreve que tu caíste na neve, bem, aqui isso não há de se temer.

Caro Fritz-do-meu-coração, possa o novo ano de vida trazer-te tanta felicidade que não tenhas tempo para sensações dolorosas e que possa tua saúde se fortalecer! Acho sempre que tu te tornas, ou que deverias tornar-te, sempre mais sadio de ano em ano. Só na velhice serás certamente jovial e feliz com a vida. Ora, tu sabes que nós

gostaríamos tanto de prover algo para tua velhice e assim queremos adquirir para ti um belo pedaço de terra, que talvez um dia valerá um bom dinheiro. Enviaremos a ti com a próxima correspondência um contrato de compra que te dará todos os detalhes. Eu o enviarei para a querida Mama pois ela sabe sempre onde estás. Eu considero como dinheiro de compra os 1000 marcos que a boa Mama pagou por minha mobília, os 600 marcos que ela doou, e os 300 marcos que tu doaste. Digamos, então, que está tudo pago. São oito lotes. Não podes, porém, esquecer de nomear a nós, isto é, o meu marido, como teu procurador e administrador.

Como te escreverei de novo em breve, quero parar hoje por aqui, pois temos tanto para fazer com o registro de terra e a preparação dos anúncios de venda.

Então viva bem meu querido! Bern⁷ te deseja de todo coração felicidade e tudo de bom!

Com amor afetuoso,

Tua velha Lhama⁸

(NBIII6BaN⁹ 1887-1889, p. 294-297)

Vemos, então, que embora Elisabeth expresse suas reservas para com a escolha de Georg Brandes enquanto promotor das idéias do irmão, ela não o faz com base em uma menção explícita referente a algum elemento de etnia ou religião. Ela tampouco faz pouco caso de Friedrich ou das pessoas que iriam acreditar nele.

⁷ Isto é, Bernhard Foerster.

⁸ Apelido dado a Elisabeth por seu irmão já desde a infância devido a uma suposta semelhança de caráter entre ela e o animal andino: este cuspiu longe e, quando forçado a suportar carga excessiva, preferia deitar-se e recusar comida até morrer. Elisabeth aceitava esse apelido, que se tornou curiosamente apropriado mais tarde com sua ida à América do Sul.

⁹ *Nietzsche Briefwechsel*, vol. III6 *Briefe an Nietzsche*.

Brandes havia contatado Nietzsche no final de Novembro de 1887, solicitando-lhe maiores informações sobre seu radicalismo aristocrático. Em 2 de Dezembro, Nietzsche responde a Brandes e escreve a seu editor, Fritzsich.

De Friedrich Nietzsche a Ernst Wilhelm Fritzsich em Leipzig

Nice, 2 de Dezembro de 1888

Prezado Senhor Editor,

Acabei de fazer uma promessa ao excelente Dr Georg Brandes, o dinamarquês, para a qual eu teria precisado previamente, é claro, de sua concordância. Ele me exprimiu a vontade *mais séria* de se ocupar com meu pensamento e meus escritos. Para possibilitar isso, devemos enviar-lhe toda a minha literatura que está em suas mãos. Ele possui já vários escritos, mas nada das novas edições. Ele faz parte dos mais eficazes missionários de novas idéias que conheço e tem um amplo círculo de influência. É colaborador de todos os grandes jornais europeus e alemães; escreve em alemão, francês, dinamarquês; fez conferências nos últimos anos em São Petersburgo, Moscou e Varsóvia; é como que feito para mediar entre as nações e para tornar conhecidos novos nomes. Seus trabalhos destacados sobre literatura alemã e francesa (Leipzig, *Veit u. Co.* e publicado alhures) ser-lhe-ão talvez conhecidos. Seu endereço é: Dr Georg Brandes, Kopenhagen, Dinamarca, Praça St. Anne, 24.

Atenciosamente,

Dr. Nietzsche

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 207-208)

Para a irritação crescente de Nietzsche, porém, Fritzsich, além de permitir a publicação de um artigo crítico ao autor de

Assim falou Zarathustra, não fará o que lhe foi pedido. Esta aparente “incompetência” de Fritzsche, que era anti-semita e provavelmente conhecedor da origem étnica de Brandes, constituía para Nietzsche um ato de obstrucionismo para seu projeto autopromocional, no qual o filósofo dinamarquês seria indispensável.

A questão da fama reaparece na carta de Nietzsche à sua mãe Franziska, logo após seu aniversário em 1887, de Veneza.

De Friedrich Nietzsche a Franziska Nietzsche em Naumburg

Veneza, 18 de Outubro de 1887

Querida mãe,

Tua carta, que chegou no dia do meu aniversário, flagrou-me em uma atividade que muito te agradaria: eu escrevia justamente uma cartinha para a lhama sul-americana¹⁰. Tua carta e teus votos de felicidade foram, de resto, os únicos que a mim chegaram: o que me deu uma boa idéia sobre minha entrementes *alcançada* “independência”: esta última é para um filósofo a condição de *primeira ordem*. Espero que não te tenha escapado o bom humor com que, nas minhas últimas notícias, eu te dispus o menu de juízos alemães sobre mim: conhecê-los me divertiu realmente, – também sou conhecedor do ser humano o suficiente para saber como o juízo sobre mim em 50 anos se inverterá, e em qual glória de *admiração* brilhará o nome de seu filho, devido às *mesmas* coisas, pelas quais agora venho maltratado e insultado. Não ter ouvido desde criança uma palavra profunda e compreensiva sequer – isso pertence à minha *sorte*, tampouco me lembro de ter reclamado sobre isso. De resto não guardo nenhum rancor dos “alemães” por causa disso. Para começar, falta-lhes decerto toda a

¹⁰ Isto é, Elisabeth.

formação, a seriedade para os problemas nos quais *minha* seriedade está, e depois – eles estão realmente demasiados ocupados e cheios de coisas para fazer, para que tivessem tempo para se ocupar com algo *absolutamente alheio*. A propósito, digo para tua tranqüilidade: aparentas acreditar que a contraposição que encontro tenha algo essencial a ver com minha posição em relação ao *Cristianismo*. Não! Tão “inofensivo” não é o teu filho, tão “inofensivos” são tampouco os Senhores meus detratores. Os juízos que eu te descrevi provêm completamente da esfera dos partidos mais antieclesiásticos que há; não eram juízos de teólogos. Quase todas essas críticas (que em parte provêm de críticos e eruditos muito inteligentes) defendem-se expressamente contra a suspeita de que elas, talvez pela indicação da periculosidade de meu livro, quisessem me “entregar ao corvo do púlpito e o grasnar do altar”. Assim, a contraposição em que me encontro é centenas de vezes mais radical para que as questões religiosas e nuances confessionais entrem seriamente em consideração.

Perdão por este discurso longo demais: mas quando digo que os eruditos mais inteligentes até hoje se *enganaram* em relação a mim, então é compreensível que o velho Senhor Pinder¹¹ não tenha sido mais refinado. Ele apenas sentiu naturalmente que as visões dele e minhas são diferentes – e *lamentou* isso. [...]

As notícias sobre o Paraguai são realmente animadoras; mas, como sempre, ainda não tenho o menor desejo de me aproximar de meu anti-semítico Senhor cunhado. Sua visão e a minha são *diferentes*: e eu *não* lamento isso. [...]

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 170-171)

¹¹ Em sua carta, Franziska relatava ao filho que o Senhor Pinder, conhecido da família e possivelmente anti-semita, havia feito alguns comentários críticos sobre as posições de Nietzsche.

Uma dimensão especial do projeto autopromocional dizia respeito a um *Hino à Vida* que Nietzsche havia composto e que seria executado em sua homenagem. Logo após o envio dessa carta à mãe, encontramos uma série de cartas endereçadas a eminentes músicos e maestros: Hermann Levi (primeiro regente da ópera *Parsifal* de Wagner), Felix Mottl (outro importante regente wagneriano), Carl Riedel, Hans von Buelow e Johannes Brahms. O rascunho, aparentemente não enviado a Hermann Levi traz a famosa afirmação nietzscheana de que nenhum filósofo teria sido tão músico como ele. A Felix Mottl ele explica que o hino completaria sua filosofia, a partir do ponto em que as palavras permaneceriam necessariamente vagas. Vejamos, porém, a carta endereçada a Carl Riedel, que é a mais extensa delas.

F. Nietzsche a Carl Riedel em Leipzig

Veneza, em torno de 20 de Outubro de 1887

Prezado Senhor Professor,

Parece-me já fazer tanto tempo que não vou a Leipzig: só no ano que vem haverá uma nova oportunidade para isso e então espero poder cumprimentá-lo com sua prezada Senhora Esposa de novo! Hoje posso apenas dar-lhes uma lembrança claramente impressa que por isso mesmo pede para ser acolhida amigavelmente: aquele “Hino à Vida”, que o Senhor chegou a ver em 1882, então ainda em estado primitivo, e que eu entrementes espero que esteja maduro, pronto e talvez *executável*. (Suas indicações e críticas foram muito proveitosas, pelo que sou maximamente grato). Meu nome como um dos filósofos mais independentes e radicais do momento é suficientemente bem conhecido; uma espécie de profissão de fé em *tons* por parte de um tal filósofo suscitaria bastante

curiosidade e interesse. Na verdade, o *propósito* genuíno deste hino é outro – ele deve, em algum momento, quando “eu não estiver mais aqui”, ser cantado em minha memória: o que não deve, porém, excluir o desejo de que venha a ser *conhecido* enquanto estiver vivo. Prezado Senhor Prof., pergunto-lhe se não haveria talvez algum meio ou ocasião para isso, que pudesse encontrar? [...] Em Leipzig justamente, o ambiente está todo a meu favor; uma boa parte dos colegas de universidade me está próxima pessoalmente; uma execução *em Leipzig* deste hino constitui um dos meus desejos mais especiais.

Com a expressão da antiga e imutável amizade,

Seu devoto,

Prof. Dr. Friedrich Nietzsche

(Endereço: Nice [França], pensão de Geneva)

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 173-174).

Vimos que a carta de Elisabeth, embora permeada de um tom maternalista, quiçá manipulatório e contendo reservas a Brandes com base em disposições anti-judaicas que, no entanto, não são manifestadas explicitamente como faz Friedrich em sua carta de Natal a Overbeck, ela fica muito aquém do grau de agressividade e até de truculência de dois famosos rascunhos de seu irmão, que felizmente nunca foram enviados. Na correspondência nietzscheana, os rascunhos têm um estatuto especial, apontado por Janz (1972). Neles, Friedrich por vezes se exprimia do modo mais direto possível. As duas cartas-rascunho que seguem mostram o nível de dilaceramento da relação entre Elisabeth e Friedrich, a incompreensão mútua e a impossibilidade de uma reconciliação. No entanto, como nunca foram enviadas, não temos como examinar a perspectiva da irmã. É indiscutível,

porém, que o que mais revoltava o autor de *Assim falou Zaratustra* era perder o poder sobre as associações feitas com seu nome. Em termos psicológicos, embora Friedrich quisesse ter uma identidade pessoal marcada pelo pró-semitismo, a sua identidade social estava, por causa da irmã, indelevelmente maculada pela associação com o anti-semitismo. Isso representava algo muito pior que o obstrucionismo de um Fritzsche: anulava e falsificava tudo o que ele visava obter com tanto sacrifício pessoal, deturpando totalmente seu projeto autopromocional, que incluía até a composição do *Hino à Vida* a ser cantado em sua homenagem. Face a uma ameaça de tal monta, é compreensível que o conflito com a mãe e a irmã após o desastre com Lou von Salomé em 1882 se tornasse uma questão menor, já superada. Isso é compreensível, pois o fracasso com Lou poderia ser convertido em sucesso por meio de um maior investimento no projeto pessoal. Mas a identidade social vinculada a Elisabeth e seu marido punha tudo a perder.

Vejamos então esses dois rascunhos.

De Friedrich Nietzsche a Elisabeth Foerster em Assunção
(Rascunho)

Sils-Maria, pouco antes de 5 de Junho de 1887

- 1) Minha querida Lhama, encontras teu irmão totalmente contrariado para dele tirar dinheiro: sua condição é insegura demais e a vossa condição não suficientemente comprovada para que fosse lícito agir apenas espontaneamente¹².
- 2) O pior de tudo é que nossos interesses e desejos agora vão em sentidos totalmente diversos. Até agora o

¹² Elisabeth não estava pedindo dinheiro ao irmão para ela, mas na verdade oferecendo-lhe a oportunidade de comprar terra na colônia paraguaia como um investimento no futuro.

empreendimento de vocês é anti-semítico – e isso me foi demonstrado entrementes a olhos vistos – [...]

3) No mais fundo do meu coração não tenho nenhuma confiança nisso tudo e nem mesmo muita boa vontade ou desejos pios. Se a obra do Dr Foerster for bem sucedida, então estarei satisfeito por ti e desejarei pensar o menos possível que isso será ao mesmo tempo um triunfo de um dos movimentos por mim menos valorizados; se ele fracassar, alegrar-me-ei pelo colapso de um empreendimento anti-semita e lamentarei tanto mais por ti, que por dever e amor te vinculaste a tal causa.

4) Digo isso de uma vez por todas: lamentando que sequer tenha que ser dito.

5) Meu desejo enfim é que vós recebais ajuda do lado alemão, de modo que isso *obrigue* os anti-semitas a deixar a Alemanha: pelo que sem dúvida prefeririam vossa terra “prometida”, o Paraguai, a outros países. Aos judeus, por outro lado, desejo sempre mais, que eles ascendam ao poder para que percam suas características (a saber, *não precisem mais delas*) graças às quais conseguiram até hoje se impor enquanto oprimidos. De resto, minha convicção honesta é que um alemão, que, apenas por ser alemão, pretenda ser *mais* que um judeu, pertence à comédia; supondo-se que não pertença ao hospício.

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 81).

A carta finalmente enviada por Nietzsche em 5 de Junho será bem diferente deste rascunho, pois procurará usar mais de ironia. Ao invés de listar os pontos de conflito, começará perguntando a Elisabeth se ela se lembrava do café da manhã que tiveram em Chur, donde lhe escrevia seu irmão. Além disso, dará notícias sobre pessoas conhecidas, inclusive mencionando o casamento de Lou von Salomé com um tal Dr Andréas.

O segundo rascunho, mais conhecido, escrito já no final de 1887, evidencia o aprofundamento da ruptura de Nietzsche para com sua irmã.

De Friedrich Nietzsche a Elisabeth Foerster em Assunção
(Rascunho)

Nice, fim de Dezembro, 1887

Entrementes já me foi demonstrado preto no branco que o Senhor Dr Foerster ainda não abandonou seu vínculo com o movimento anti-semita. Um trapalhão e Biedermeyer¹³ de Leipzig (Fritzsich, se me lembro bem) incumbiu-se da tarefa, – ele me encaminhou até agora regularmente, apesar de meus protestos enérgicos, a Correspondência Anti-Semítica (eu nunca li nada mais desprezível que essa Correspondência). Desde então costumo fazer valer ainda a teu favor algo da antiga ternura e proteção que por tanto tempo tive por ti, mas a separação entre nós se constata agora no modo mais absurdo. Nunca entendeste *para que estou no mundo?*

Queres um catálogo das convicções que sinto como antípodas? Podes encontrá-las belamente encadeadas nas “*Repercussões de Parsifal*” de teu marido. Quando as li, veio-me a idéia descabelante de que tu nada, nada entendeste da minha doença, tão pouco quanto de minha vivência mais dolorosa e inesperada – que o homem que eu mais admirei passou em uma asquerosa degeneração precisamente para aquilo que eu mais desprezava, na trapaça com ideais morais e cristãos. – Agora chega a tanto, que com mãos e pés preciso me defender contra ser

¹³ Biedermeyer é a designação originada da combinação de Biedermann (homem honrado) e Bummelmaier, dois tipos filistinos criados por Victor von Scheffel e L. Eichrodt. (Em outro sentido, refere-se a um estilo de arte ornamentado e pequeno-burguês comum entre 1815 e 1848).

confundido com a canalha anti-semita, depois que minha própria irmã, minha ex-irmã, como recentemente de novo Widemann¹⁴, deu estímulo para estas mais infelizes confusões. Após ter até lido o nome de Zarathustra na Correspondência Anti-semita, terminou minha paciência – estou agora contra o partido de seu marido em estado de *legítima defesa*. Esses malditos caretas anti-semitas não *devem* tocar em meu ideal!!

Quanto sofrimento me causou que o nosso nome por meio de teu casamento, se misturou com esse movimento! Perdeste nos últimos seis anos toda razão e consideração.

Céus, como isto me é difícil!

Eu nunca exigi, como é claro, que tu entendesses algo da posição que tomo diante de minha época. No entanto, com um pouco de instinto amoroso, poderias ter evitado colocar-te entre os meus antípodas. Penso agora sobre irmãs mais ou menos como Schopenhauer – elas são supérfluas, elas geram bobagem. [...]

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 218-219).

É indiscutível que os dois rascunhos são documentos fortíssimos, tanto na linguagem quanto nos sentimentos envolvidos. No entanto, carecemos da perspectiva de Elisabeth frente a isso tudo.

Em outro episódio, a querela com o editor Schmeitzner, também anti-semita, Elisabeth toma o partido do irmão, que emprestara 5000 marcos ao editor e agora não conseguia reaver o dinheiro¹⁵.

¹⁴ Possivelmente Josef Victor Widmann, resenhista suíço de *Para além do bem e do mal*, que considerava seu texto perigoso.

¹⁵ Cf. BROWN, 1987.

De Elisabeth a Friedrich Nietzsche em Mentone

Naumburg, 11 de Novembro de 1884

[...] Os anti-semitas deveriam se envergonhar de tal presidente! Nenhum judeu poderia agir pior. De resto, Foerster sempre nos alertou contra ele, pois 14 dias após sua entrada no movimento já endereçou uma solicitação de dinheiro a Foerster como presidente. Estou muito feliz por não teres escrito nada contra os anti-semitas, senão pareceria que terias te enfurecido por 5000 marcos, mas realmente a questão com Schmeitzner é uma forte acusação contra todo o movimento, eu não confio mais nos atuais anti-semitas.

Com amor mais fiel e providente

Tua irmã

PS: É uma sorte que guardei cada palavra escrita por Schmeitzner!! Se Schmeitzner soubesse que sua carta é sua destruição! Agora ele deverá sofrer as conseqüências de seus atos!

(NBIII2BaN 1880-1884, p. 475)

Embora não deixe de ser grotesco, esse trecho de carta mostra que Elisabeth, embora feliz por o irmão não ter denunciado o movimento anti-semita, também faz questão de criticar o movimento na figura dúbia do editor Schmeitzner. Por outro lado, temos que entender a posição de Nietzsche: imagine-se emprestar 5000 marcos ao líder de um movimento que desprezamos e ainda por cima tomar calote dele!

A correspondência a Nietzsche deixa claro que, entre tantos admiradores constavam também sua irmã Elisabeth e seu marido Bernhard. Em Setembro de 1887, por exemplo, cada um enviou uma carta do Paraguai para que tudo chegasse a tempo do aniversário de Friedrich no 15 de Outubro.

Elisabeth relata como ela e o marido liam com veneração os exemplares dos livros de Nietzsche que haviam conseguido trazer consigo da Alemanha. Em sua carta ao cunhado, Bernhard chega a pedir que Nietzsche supere a forma dos aforismos e tente escrever de modo a construir uma “estrutura de aço” que pudesse refletir sua grandeza¹⁶. Pelo que podemos depreender da carta de Elisabeth, ao se depararem com os trechos pró-judaicos, ela e o marido, embora momentaneamente lamentassem o que seriam, ao ver deles, os enganos de Nietzsche, seguiam em frente com sua leitura. Ou seja, o desprezo descomunal sentido por Nietzsche não tinha contrapartida evidente no cunhado e na irmã. A assimetria na relação é notável e quase incomparável.

Já adentrando o último período em que gozou de sanidade mental, Nietzsche começa a especular sobre uma grande política internacional, decidida por uma guerra sem precedentes. Trata-se de mais um rascunho, nunca enviado, a Georg Brandes.

De Friedrich Nietzsche a Georg Brandes em Copenhagen
(Rascunho)

Turim, início de Dezembro, 1888

Caro amigo, considero necessário informá-lo sobre algumas coisas de primeira grandeza: dê-me a sua palavra de honra que a história permanecerá entre nós. Nós ingressamos na grande política, até a maior de todas... Eu preparo um evento que muito provavelmente dividirá a história em duas metades, até o ponto em que teremos uma nova contagem do tempo: de 1888 como ano em diante. Tudo o que hoje está por cima, Tríplice Aliança, a

¹⁶ Foerster irá suicidar-se em 1889 ao não conseguir renegociar sua dívida com o governo paraguaio.

questão social, se transferirá completamente em uma formação de contraposição individual: nós teremos guerras, como jamais houve, mas *não* entre nações, *não* entre classes: tudo será desencadeado livremente, – eu sou a dinamite mais temível que há – Eu quero entregar em três meses os contratos para a produção de uma edição *manuscrita* de “*O Anticristo. Transvaloração de todos os valores*”, que permanece completamente secreta. Ela me serve como edição agitadora. Preciso de traduções em todas as principais línguas européias: quando a obra sair, estimo que serão necessários um milhão de exemplares em cada língua como *primeira* edição. Pensei no Senhor para o dinamarquês, no Senhor Strindberg para a edição sueca. – Como se trata de um *golpe aniquilador* contra o *Cristianismo*, é evidente que a única potência internacional que tem um interesse instintivo na aniquilação do Cristianismo são os *judens* – nisso há uma inimizade instintiva, não algo “imaginado” como entre quaisquer “espíritos livres” ou socialistas – não quero saber de espíritos livres. Logo devemos nos assegurar de todas as potências decisivas dessa raça em Europa e na América – sobretudo um tal movimento precisa do grande capital. Nisto está o único chão naturalmente preparado para a maior guerra decisiva da história: o resto dos participantes pode ser apenas considerado *após* o golpe. Este novo poder que aqui se irá construir, poderia em um momento se tornar a primeira *potência mundial*: admitindo que inicialmente as classes *dominantes* tomem o partido do Cristianismo, o machado já lhe estará decepando as raízes, enquanto todos os indivíduos fortes e vivos *incondicionalmente* se afastarão dele. Não é necessário ser psicólogo para adivinhar que todas as raças doentes de alma sentirão no Cristianismo a fé dos agora dominantes, *logo* tomarão partido da mentira. O resultado é que aqui a dinamite explodirá toda organização

militar, toda constituição; que a oposição não constituirá outra força alternativa e ficará ali, despreparada para a guerra. No final das contas, teremos conosco os oficiais apoiados em seus instintos de que ser cristão é *desonroso, covarde, impuro* no mais alto grau¹⁷. Este juízo se extrai infalivelmente do meu “*Anticristo*”. – (Primeiro se publicará o “*Ecce homo*” de que falei, cujo último capítulo dá um gosto prévio do *que vem por aí* e onde eu mesmo me apresento como portador da desgraça [...]). No que concerne o Imperador alemão, sei como se devem tratar tais idiotas marrons: isso fornece a medida de um oficial bem ajuizado. Frederico, o grande, era melhor, ele estaria logo em seu elemento. – Meu livro é como um vulcão, ninguém imaginaria algo semelhante na literatura até hoje, nem pelo que lá é dito, nem pelo modo como os segredos mais profundos da natureza humana saltam para fora, de repente, com clareza decepcionante. Há um estilo nele de anunciar a condenação à morte que é totalmente sobre-humana. E, ao mesmo tempo, sopra uma paz e altivez grandiosa sobre o todo – é realmente um *tribunal do mundo*, embora nada seja pequeno ou recôndito demais para que não seja visto e trazido à luz. Quando o Senhor por fim ler a lei abaixo promulgada *contra* o Cristianismo no “*Anticristo*” em sua conclusão, quem sabe, talvez tremam, eu temo, até as suas pernas [...]]

A lei contra o Cristianismo tem como título: *Guerra até a morte contra o vício: o vício é o Cristianismo*.

A primeira sentença: vicioso é todo tipo de anti-natureza; o tipo mais viciado de ser humano é o padre: ele *ensina* a anti-natureza. Contra o padre não se precisa de razões, mas de hospício.

A quarta (sentença). A pregação da castidade é uma incitação pública à anti-natureza. Todo desprezo pela

¹⁷ Para uma explicação da inviabilidade deste projeto, cf. Nolte (2000, p. 217).

vida sexual, toda maculação dela pelo conceito de “impuro” é o verdadeiro pecado contra o espírito sagrado da vida¹⁸. A sexta sentença afirma que devemos chamar a história sagrada pelo nome que merece, como história *maldita*, devemos usar palavras “Deus”, “Salvador”, “Santo”, como insultos, termos para infratores.

Transvaloração de todos os valores? Isso virá apenas [...]

Se *vencermos*, teremos o governo do mundo nas mãos – incluída a paz mundial [...] Superaremos os limites absurdos da raça, nação e classe: haverá ainda apenas uma hierarquia de indivíduo para indivíduo e até uma escala hierárquica imensamente longa.

Aí tem o Senhor o primeiro documento histórico-mundial: *grande* política por excelência.

NB: Encontre para mim um mestre como primeiro tradutor – só mestres da língua prestam para mim.

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 500-502)

Alguns dias mais tarde (domingo, 9 de Dezembro de 1888), possivelmente já no limiar da insanidade, Nietzsche escreverá de Turim a Heinrich Koeselitz: “O Senhor já sabia, que para o *meu* movimento internacional preciso de *todo* o grande capital *judaico*? [...]”.

(NBIII5BvN 1887-1889, p. 515)

Terá sido isso tudo uma ironia, ou mesmo uma sátira contra o anti-semitismo de Elisabeth: apossar-se do tema conspiratório para fazê-lo voltar-se contra si mesmo? É difícil saber ao certo.

¹⁸ Brandes havia sido crítico do movimento a favor da castidade promovido por Bjoernson na Dinamarca.

E a suposta crítica de Elisabeth? Afinal, após conseguir derrotar a mãe pela guarda do irmão em 1896, seria ela que assumiria o projeto promocional do irmão, dando-lhe, como é sabido, o viés distorcido que bem conhecemos. O feminino, mais uma vez, subordinaria a filosofia, pondo-a a seu serviço. Esse colapso do sobre-humano Friedrich, mergulhando das alturas alpinas nas profundezas oceânicas do regaço maternalista da sua família tem algo de sublime, mas também de aterrador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, M. B. *Friedrich Nietzsche und sein Verleger Ernst Schmeitzner*. Frankfurt am Main: 1987.

DIETHE, Carol. *Nietzsche's sister and the will to power: a biography of Elisabeth Foerster-Nietzsche*. Chicago: University of Illinois Press, 2003.

JANZ, C. P. *Die Briefe Friedrich Nietzsches. Textprobleme und ihre Bedeutung fuer Biographie und Doxographie*. Basel: 1972.

NIETZSCHE, F. W. *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe (KGB)*. Colli, G. & Montinari M., editors. Berlin/ NY: Walter de Gruyter, 1975ff.

NOLTE, Ernst. *Nietzsche und der Nietzscheanismus: Mit einem Nachwort: Nietzsche in der deutschen Gegenwart*. Muenchen: Herbig, 2000.

OTTMANN, Henning. *Nietzsche Handbuch Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart: J.B. Metzler, 2000.